

## NOTAS SOBRE UM AUTOR BISSEXTO: CYRO MARTINS NA LITERATURA SULINA.

Mariana Miggiolaro Chaguri<sup>1</sup>

**Resumo:** Por meio de parte da correspondência trocada entre os escritores Cyro Martins e Augusto Meyer, este artigo reconstrói aspectos da trajetória do primeiro, estudando-a *em situação* e *em relação* aos seus pares sulinos, evidenciando por meio das diferenças e das semelhanças que guardam entre si, a configuração da vida intelectual em Porto Alegre ao longo dos anos de 1930 e 1940, bem como a circulação de determinados temas literários e formalização estéticas. Assim, é pelas margens que se busca reconstruir aspectos da sociabilidade intelectual na Porto Alegre das primeiras décadas do século XX, bem como nuances do processo de modernização que sustentam tal sociabilidade e implicam numa circulação de temas e autores no interior da qual Cyro Martins terá dificuldades para transitar.

**Palavras-chave:** Cyro Martins; regionalismo; vida intelectual.

**Abstract:** Through a part of correspondence exchanged by the writers Cyro Martins and Augusto Meyer, this paper analyzes the trajectory of the first and the context of intellectual life in Porto Alegre during the 1930s and 1940s. Thus, it is by the edges that aspects of intellectual sociability in Porto Alegre during the first decades of the twentieth century are studied, as well as singularities of the process of modernization that support such movement. How appears at the text, Cyro Martins will have difficulties for transit in this context of new sociability and new topics.

**Keywords:** Cyro Martins; regionalism; Sociology of cultural life.

### 1. Introdução.

A dificuldade em circunscrever as fronteiras entre autor e obra é o ponto de partida para este breve estudo sobre Cyro Martins (1908 – 1995). Deste modo, a trajetória do escritor é circunscrita por meio de parte de sua correspondência trocada nos anos de 1935 e 1936 com o poeta Augusto Meyer<sup>2</sup>. Foucault observa que a análise da relação entre um autor e sua obra deve avaliar o modo como a segunda aponta para o autor, uma figura que, ao menos em aparência,

---

<sup>1</sup> Mestre e doutora em Sociologia, IFCH/Unicamp. E.mail: marianachaguri@gmail.com.

<sup>2</sup> Augusto Meyer (1902-1970) iniciou sua carreira como colaborador de jornais porto-alegrenses, valorizando obras de regionalistas como Alcides Maya e Simões Lopes Neto. Em 1923, lança *A ilusão querida*, seu primeiro livro de poesias. Em 1930, torna-se funcionário da Biblioteca Pública do Estado, instituição que chegou a dirigir. Transferiu-se para o Rio de Janeiro em 1937, convidado por Getúlio Vargas para auxiliar na organização do Instituto Nacional do Livro, tornando-se seu primeiro diretor, cargo que ocupou por quase trinta anos. Em 1935, lança seu primeiro estudo crítico *Machado de Assis*. Em 1960, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras. Para mais informações, ver: Carvalhal, 1987. Sobre o uso das correspondências como fonte documental, ver: Galvão, 2000.

lhe é exterior e anterior<sup>3</sup>. Se esta opção metodológica exige a reconstrução de parte do debate intelectual no qual se insere a obra (Cf. Skinner, 2000; Pocock, 2003), não deixa de demandar, por outro lado, a circunscrição da trajetória do autor no processo social mais amplo, o que dilui apenas parcialmente a figura do autor.

Em tempo, ao eleger a construção da carreira literária do autor como eixo em torno do qual gravitam os problemas abordados, destaca-se, ainda, a importância do contexto de relações estabelecidas entre Cyro e seus pares, bem como as particularidades do mercado editorial de então, de modo a tomar a biografia e, na sequência, a trajetória do autor como fontes que permitem explorar os problemas levantados. No Brasil, foi especialmente a partir dos estudos de Sérgio Miceli que memórias e biografias foram mobilizadas com vistas a realizar uma investigação sistemática sobre a vida intelectual no país. Circunscrevendo os argumentos do autor ao tema em pauta, ganha destaque a interpretação apresentada em *Intelectuais e classes dirigentes no Brasil (1920 – 1940)* acerca da geração de romancistas dos decênios de 1930 e 1940, os quais compartilhariam, segundo Miceli, um traço comum: seus investimentos na atividade intelectual encontrariam correlação na experiência social de decadência familiar vivenciada pelos intelectuais em geral, e pelos romancistas, em particular, de modo que suas “obras de estreia eram, sem rebuço, uma transposição literária de sua experiência pessoal” (Miceli, 2001, p. 161)<sup>4</sup>.

Cyro Martins percorre os caminhos comuns a outros escritores sulinos da mesma geração: ingressa e diploma-se em um curso dedicado à formação de profissionais liberais, a Medicina, permanecendo por toda a vida dividido entre a atividade literária e outra atuação profissional. Sendo típica, a trajetória de Cyro

---

<sup>3</sup> Foucault observa que o autor seria uma espécie de expressão que, de modo mais ou menos acabado, manifesta-se da mesma maneira e com o mesmo valor, nas obras, nos rascunhos, nas cartas etc (Cf. Foucault, 2006). Todos os documentos da correspondência passiva de Augusto Meyer trocada com Cyro Martins e disponíveis no acervo pessoal de Augusto Meyer depositado na Fundação Casa de Rui Barbosa estão aqui transcritos. A correspondência ativa de Cyro Martins trocada com Meyer está depositada no DELFOS/PUC-RS. Para dados biográficos do autor, consultar: Silveira e De Grandi, 2008; Instituto Estadual do Livro, 1983.

<sup>4</sup> Numa síntese do argumento: “o elemento decisivo foi a diversidade de experiências de ‘degradação’ social que o declínio familiar veio propiciar, dando-lhes a oportunidade de vasculhar as diferentes posições de que se constitui o espaço da classe dirigente” (Miceli, 2001, p.163). Desse modo, é por meio da biografia que o autor evidencia as estratégias que teriam permitido a constituição de uma elite intelectual e burocrática no Brasil das primeiras décadas no século XX. Para uma análise das implicações metodológicas decorrentes dos argumentos e teses levantados pelo autor, ver: Bastos & Botelho, 2011.

Martins auxilia na compreensão das dificuldades do processo de profissionalização dos escritores sulinos, apontado para o trânsito, quase obrigatório, entre a produção cultural, a política e as diversas práticas profissionais.

## 2. “Medico de província. Escritor sem escritos. Leitor atento”.

Nascido em Garupá, distrito da cidade de Quaraí, Cyro Martins mudou-se para Porto Alegre aos onze anos, tornando-se interno de um colégio jesuíta. Filho de um “modesto comerciante da campanha, que tinha uma venda na beira da estrada” (INL, 1983, p.5), publica, ainda nos tempos de colégio, alguns contos em jornais como *A Notícia* da cidade de Alegrete. Em 1928, ingressou na Faculdade de Medicina de Porto Alegre, formando-se seis anos depois, período em que regressa à cidade natal para começar a clinicar. No primeiro ano como médico formado, em 1934, lança seu primeiro livro: *Campo fora*, reunião de contos editados pela Globo.

Vivendo em Quaraí e dedicando-se à medicina, a estreia literária de Cyro Martins parece não ter lhe rendido maiores distinções entre seus pares no Rio Grande do Sul. Especialmente ao longo da década de 1930, o jovem autor acionará as redes construídas antes mesmo da publicação de seu primeiro livro, na época de estudante de Medicina, indicando que as amizades feitas nos tempos de estudante em Porto Alegre foram mobilizadas posteriormente, quando o médico morava no interior do estado e pretendia construir seu nome como autor<sup>5</sup>. Será, então, pelas margens que o autor se fará conhecer por seus pares, valendo-se, para tanto, do recurso às amizades construídas em Porto Alegre nos tempos de estudante, chave que lhe facilitará o acesso às editoras, como é possível notar na carta a seguir, enviada para Augusto Meyer em agosto de 1935<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup> Sobre a construção do nome próprio de um autor/artista, tema tratado adiante, ver; Bourdieu, 1986; Foucault, 2006 e Pontes, 2011.

<sup>6</sup> São várias as ocasiões nas quais Cyro se refere aos tempos de estudante como o período no qual conheceu escritores, jornalistas e críticos. Rememorando o primeiro encontro com o jornalista Carlos Reverbel, também de Quaraí, Cyro escreve: “Quando o conheci ele tinha 17 anos e eu 21 [...] Ele me visitou, acho que nem se lembra mais, na pensão onde eu morava, no Bonfim, creio que em 31, quando aquela avenida fazia menos de um ano passara a chamar-se, profeticamente, Oswaldo Aranha. Eu morava na pensão da dona Antônia, velho casarão típico da época, refúgio da estudantada pobre. Também me visitou lá o Augusto Meyer [...]” (Martins, 1994, p.24).

“Meu caro Augusto Meyer

Ontem recebi o teu “Machado de Assis” – com grande abraço de saudade sobre as cochilhas do Rio Grande. E ontem mesmo li o seu admirável ensaio da primeira a última página. O meu juízo a respeito pouco te interessará, pois, estive certo, há esta hora já [rasura] de ter a opinião dos grandes nomes da literatura patricia da actualidade.

Antes de tudo, o que me encantou sobremaneira foi o facto de o poeta Meyer, expoente da intelectualidade rio-grandense, se lembrar do quieto amigo, “encaramujado” no silêncio deste rincão.

Esse gesto evidencia, mais uma vez, uma virtude que sempre admirei no amigo: a capacidade de *sympathia*. Estou, aliás, quasi chovendo no molhado, pois como poderia minguar a um crítico a capacidade de *sympathia*, único caminho capaz de levar à compreensão da obra alheia?

Lendo o teu livro, pude, dum folego, refazer a longa viagem, feita já ha algum tempo com intermitencias, atravez o sinuoso, amargo, triturante e, ás vezes, quasi velhaco mundo machadiano.

[rasurado]

E o velho Alcides? Gostei de ler, ha dias, um artigo teu em que evocas a figura [rasura] do velho, na penumbra do gabinete, olhos quase cerrados, falando, falando aquele seu bom falar. Recordo-me de que, juntos, mais de uma vez tivemos o encanto de ouvi-lo assim.

No mais, aqui vamos. Medico de provincia. Escritor sem escriptos. Leitor atento. E muita alegria ao saber das victorias dos amigos.

Veterano de triumphos, pouco te impressionaria a conquista de mais um. Entretanto, na intimidade, acredito não desprezarás o meu abraço, largo e franco.

O amigo velho

Cyro<sup>7</sup>.

“Medico de provincia. Escritor sem escritos. Leitor atento”. Em alguma medida, é possível sintetizar a trajetória de Cyro Martins nesses termos<sup>8</sup>. Importa destacar, aqui, o modo como Cyro, frequentador das rodas intelectuais

---

<sup>7</sup> Correspondência Cyro Martins – Augusto Meyer. Quaraí - RS, 09. ago.1935. Disponível no acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa. Grafia e grifos originais, interpolações minhas.

<sup>8</sup> Tendo lançado seu primeiro livro, *Campo Fora*, em 1934, Cyro retorna às livrarias com *Sem rumo*, lançado em 1937, três anos após a redação desta carta, de modo que, durante este intervalo, Cyro foi, de fato, um “escritor sem escritos”. Esta afirmação parece nortear certa percepção do autor acerca de seu trabalho literário, em entrevista publicada em 1983, cinco décadas após a carta aqui transcrita, Cyro observa “permaneço na condição de escritor bissexto, pois toda a minha literatura é feita no rabo das horas. O melhor das minhas possibilidades intelectuais foi consagrada à Medicina, em especial à Psiquiatria e à Psicanálise. Mas esta afirmação não significa menos ternura pelo que realizei no plano da ficção literária” (INL, 1983, p.7). Ainda que “no rabo das horas”, Cyro publicou dezesseis obras de ficção (três delas de contos, um em edição póstuma), além de oito livros de ensaio (três deles dedicados à psicanálise) e finalmente um livro de memórias: *Para início de conversa*, em colaboração com Abrão Slavutzky.

sulinas nos tempos de estudante em Porto Alegre, classificava a si mesmo como alguém à margem da vida intelectual: na província e sem escritos, num trecho da carta: “antes de tudo, o que me encantou sobremaneira foi o facto de o poeta Meyer, expoente da intelectualidade rio-grandense, se lembrar do quieto amigo, “encaramujado” no silêncio deste rincão”.

Entre a humildade e a expectativa, Cyro reafirma a posição intelectual de Augusto Meyer, embora se afirme como um médico recluso no interior, deixa entrever o entusiasmo com a leitura do estudo sobre Machado de Assis, bem como com a lembrança de Mayer de seu nome e de sua amizade. Tal qual ocorre nesta carta, Cyro Martins recorre frequentemente a Alcides Maya, num movimento que pode ser compreendido em dois sentidos: 1) para expressar sua filiação intelectual, 2) para se inserir na vida intelectual, manejando a amizade com um dos grandes nomes da literatura regionalista rio-grandense<sup>9</sup>.

Buscando estabelecer seus vínculos, Cyro tece correspondência onde a humildade e a expectativa se entrelaçam para dar forma ao desejo de se firmar como autor, como se torna mais nítido em nova correspondência trocada entre Cyro Martins e o poeta.

“Poeta Augusto Meyer, um abraço!

A tua carta foi um fêsto para mim. Poucas vezes, ao receber uma carta, tenho sentido tão intensamente vibrar em mim essa coisa tão pura e clara que se chama alegria, como senti ao receber o teu mui leal e apreciado abraço manuscrito.

É grande a minha satisfação pelo que dizes do Campo Fóra. De ha muito eu anciava pela manifestação de algum de vocês, pois me entristeceu bastante a boycotage que a critica de Porto Alegre fez ao meu livreco.

Quanto ao conto para a antologia do Gastão Cruls, me parece que o escolhido por ti seria o indicado. No entanto, como me pedes para que exerça as indelegaveis funções de paternidade, eu te digo que, embora não seja o meu do coração, acho proprio para tal destino o primeiro conto. Alma Gauderia. Creio que, nesse conto ou coisa que o valha (porque, na verdade, aquilo não bem um conto) está fixado um flagrante psicologico do nosso povo da campanha, originado em consequencia da revolução de 23.

Longe de mim exigir recomendações [rasura]. O que eu desejo é a opinião [rasura] e discreta dos criticos, como justificativa ao publico da apreciação de mais um volume na mostra das livrarias. Senão a gente, surgindo assim de repente e sem éco, assume proporções ridiculas de intruso.

---

<sup>9</sup> Cyro Martins descreve o encontro com Alcides Maya, intermediado por Augusto Meyer, em artigo publicado na *Província de São Pedro*. (Cf. Martins, 1945).

Entretanto, amigo velho, embora tivesse havido barulho campo fóra, ainda assim a tua carta acordaria em mim o mesmo rumor de alegrão. Não foi mui demorada a nossa convivencia, mas foi suficiente para eu poder afirmar hoje que, se não pinasses sinceramente assim, não terias aquella manifestção.

Poeta velho, não é só pela cultura que sobresaes ao bando ahi existente. O poeta Meyer, por ter muito valor, paira acima dos convencionalismos bestas, e é humano e leal, não porque saiba exercer uma virtude aprendica, mas porque o seu temperamento requer. Isso de dizer que os livros des [rasura], é coisa propria dos que mal assimilam o lido.

Quero [ilegível] mais um do grupo – o Erico. Poucas vezes nos encontramos. Em nenhuma dellas chegamos a conversar mesmo. Mas, nelle, tambem não é apenas o escriptor que eu admiro. Gosto do homem. Dá por mim um abraço no poeta.

Seria assim [pretensão] uma pagina demonstrativa da influencia daquela companhia na indole e nos costumes da nossa gente.

O meu do coração será talvez “Sem Rumo”, “Conto sem nome”, “thesouros”...

Poeta velho, desculpa. Tu sabes [rasura], quando a gente impreça falar nas crias... O caso da coruja é típico.

Um bruto abraço amigo,

Cyro<sup>10</sup>.

Entre uma carta e outra, o pequeno intervalo de vinte dias. Se na primeira Cyro refere-se a si próprio como alguém “de fora”, trata-se, agora, de nomear aqueles que pertenceriam ao campo intelectual: “de ha muito eu anciava pela manifestação de algum de vocês” pois, ainda que recluso no interior, este “escritor sem escritos” se mostra preocupado com a recepção de seu primeiro livro *Campo fora* nos meios intelectuais de Porto Alegre, “senão a gente, surgindo assim de repente e sem éco, assume proporções ridiculas de intruso”.

Partindo das duas cartas, percebe-se que, para Cyro Martins, o pertencimento está referido ao círculo em torno da Globo, revelando um mecanismo interessante: ainda que o livro tivesse sido editado pela Globo, seu autor revela um contato pequeno com uma das mais importantes figuras da Editora: Erico Verissimo.

Um ano depois, em nova carta enviada a Augusto Meyer, Cyro Martins torna mais nítido seu relacionamento com a Editora.

“Meu caro poeta Meyer.  
um abraço, antes de tudo.

---

<sup>10</sup> Correspondência Cyro Martins – Augusto Meyer. Quaraí- RS, 29.ago.1935. Disponível no acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa. Grafia e grifos originais, interpolações minhas.

Rece [rasura] hoje soube pelo dr. Prates, que acaba de chegar d'aí, de que já ha dias está em tuas mãos, amigas e leaes, o meu "Sem Rumo". Desde logo te digo: não podia ter encontrado outro porto mais seguro o folheto [rasura]. Pensei, erradamente, que, no Rio, houvesse mais interesse por essa especie de literatura do que mesmo entre nós. Mas, pelo que informa o João Neves, vejo que lá, apesar dos rumores ouvidos á distancia, os ventos não sopram mais favoraveis do que cá pra casa.

Entretanto, devo dizer-te que, se assim agi, foi estimulado pelo surto regionalista nordestino, quasi todo explodido no Rio.

Mas, agora que o livreco volveu aos pagos, eu me felicito, antes de mais nada, pelo fato, sumamente grato para mim, dele estar em seu poder. Sei, de antemão, que lhe darás destino conveniente e digno.

Se já o leste, sim, tremo que conserves o mesmo entusiasmo inicial com que recebeste o caderno. Em todo caso, poeta velho, tranquilisa-me a certeza de que havias de ter achado nele, um depoimento honesto e comovido. O que evoquei de minhas experiencias ingenuas de guri, o que vi e senti como expectador do drama silencioso e amargo desse homem de que tanto temos falado, está dentro do meu livro.

Inquieta-me, agora, a preocupação de saber si consegui dar força bastante ao que tentei fixar, de maneira a ferir a sensibilidade alheia. Confesso-te, amigo velho, que não em "Sem Rumo" sombra de exageros. Não o escrevi com paixão politica. Si toquei nessa feia coisa, foi por ser impossivel deixa-la de lado. De qualquer maneira, has de convir que já era tempo duma manifestação pública nesse sentido.

Eu poderia, sem mentir, ter dito muito mais, porem, de proposito, refreiei o ímpeto. Se não fui mais longe, não foi por temor, mas sim para manter equilibrio e serenidade.

E agora, o lado práctico. Desejaria que o nosso amigo Erico, a quem tenho em boa conta (e bem sabe, que não falo assim de qualquer, aprezar de não ser verrissimo! [rasura]) tomasse interesse pelo livro, de modo a ser editado ainda este ano.

E o nosso velho mestre?! Bem sei que [rasura] de dandís das letras continua a sorrir ao ouvir falar no seu nome. Não importa. Não esquecerei nunca aquela cabeça nascida para mão de escritor, aquele olhão grandote avisando o mundo, mesmo fechado, e aquela palavra, já cansada de estilizações, assinalando detalhes, demarcando relevos, abrindo e fechando horizontes.

Quem está longe, sólito num rincão, póde bem avaliar o vulto dos andantes vistos e conversados no andar das estradas. Para mim, falar no velho Alcides, é evocar todo o Rio Grande, agitado de ansias bárbaras e incontidas, que passou, rugindo, cá por este Rio Grande já domesticado e triste.

Triste, poeta, triste de dar pena! Ainda ha poucos dias cruzei esse pedaço de distancia. Vista sempre alerta, procurando catar sutilezas de paisagem, voltei amargurado pra casa.

Dia de fim de inverso, agosto, queima de campos, horizontes fumacentos, céu gris, vento norte, poeira nos corredores, aramados caídos, rezes magras... E o homem? Em retirada,

amigo. Sem garbo, sem lhamura de alma, com todos os vícios dos vencidos.

Enquanto todo mundo se agita, luta e morre por alguma coisa, ele agozina quietinho, e com ele os seus hábitos, as suas tradições, a sua nobreza.

Bueno, poeta velho, perdoa este derrame lírico. Falo assim, confiante, porque sei qual o rincão de alma rude .

Recomendações á dona Sara e aos filhinhos.

Aguardo uma resposta. Do amigo Cyro”<sup>11</sup>.

“Nosso amigo Erico”. A proximidade entre Cyro e Erico era menos efetiva, neste momento, do que se apresenta nesta carta. Em meados da década de 1930, período no qual as correspondências entre Cyro Martins e Augusto Mayer é trocada, a Editora do Globo era dirigida por Henrique Bertaso, assistido, de perto, por Erico Verissimo, então um jovem escritor que havia publicado *Fantoches*, livro de contos, e *Clarissa*. Sem alcançar grande sucesso editorial neste período, Erico destaca-se, na realidade, como editor da *Revista do Globo* e, especialmente, como figura importante na definição das escolhas editoriais da editora. Neste sentido, a referência de Cyro a Erico está associada mais ao funcionário da Globo, do que ao colega escritor, embora o primeiro enuncie algumas ressalvas aos temas literários que podem ser associados ao segundo: motivos citadinos e tópicos universalistas<sup>12</sup>.

Entretanto, importa agora analisar a tentativa de editar *Sem rumo* no Rio de Janeiro. O autor justifica sua escolha como decorrência da boa acolhida do romance nordestino no Rio de Janeiro, observando que a falta de êxito da tentativa refere-se não apenas a seu livro em particular, mas ao funcionamento do mercado editorial em geral. Para percorrer alguns dos caminhos deste mercado, Cyro reafirma a importância de Meyer figura que, em posse dos originais, poderia, com sua influência e conhecimento, auxiliar na publicação do livro.

---

<sup>11</sup> Correspondência Cyro Martins – Augusto Meyer. Quaraí - RS, 29. ago.1936. Disponível no acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa. Grafia e grifos originais, interpolações minhas.

<sup>12</sup> Em balanço publicado em 1976, Cyro Martins observa: “o curioso é que, tendo surgido logo depois do grande surto regionalista da literatura rio-grandense, ocorrido na década de 20. Erico Verissimo reagiu contra o gauchismo, escrevendo romances praticistas e tirando o couro da nossa burguesia rural recém instalada na capital, que apenas começava o namoro com a máquina e a indústria. E nisso foi admirável. Creio mesmo que esse é o aspecto fundamental da sua obra nesse período, que aflorou em seguida aos momentos líricos de *Clarissa* e *Música ao longe*, dando consistência de romance urbano e perspectiva de correnteza suja e parda à humanidade das nossas ruas em *Caminhos cruzados*, *Olhai os lírios do campo* e *O resto é silêncio*” (Martins, 1995 [1976], p.271).

### 3. Porto Alegre e Rio de Janeiro: a ida e a volta.

O Rio de Janeiro concentrou, especialmente durante a década de 1930, parcela importante das editoras, da crítica literária e dos escritores dedicados à literatura brasileira (Cf. Sorá, 2010; Bueno, 2006). Cyro Martins viveu na então capital da República por um curto período, entre 1937 e 1938, numa mudança motivada por razões profissionais: a carreira na medicina. Ali, Cyro especializa-se em neurologia, ponto de partida para o estudo da psicanálise que marcará, a partir de então, toda a sua carreira na Medicina.

Num caminho bastante comum entre escritores iniciantes, o deslocamento para o Rio de Janeiro foi impulsionado pelas atividades profissionais não literárias, embora a expectativa de poder viver da literatura estivesse no horizonte. Assim, Cyro transitou entre as duas atividades e ainda em 1937 lançou *Sem rumo* pela Editora Ariel<sup>13</sup>.

O livro, primeiro volume da *Trilogia do gaúcho a pé*, é editado no Rio de Janeiro, provavelmente por intermédio de Augusto Meyer, mas não sem antes ter sofrido uma recusa inicial no Rio de Janeiro e outra da própria Globo, como relata Cyro em nova carta enviada a Meyer.

“Meu prezado amigo Meyer.

Um abraço.

Desde que recebi tua carta, a qual muito me surpreendeu e alegrou pela maneira espontânea e entusiasta com que te referes ao meu livro, fiquei descansado, certo de que “Sem Rumo”<sup>14</sup> alcançara afinal o seu destino editorial.

Entretanto, ontem, com verdadeiro pasmo, recebi de volta o desventurado caderno. E o recebi em seco, sem uma palavra, sem uma explicação, sem nem mesmo a delicadeza dum tapeaçãosinha, para que a coisa não fosse tão violentamente chocante.

É certo que, ha pouco, escrevi ao Erico indagando das disposições da Livraria a esse respeito. Mas, por acaso, será esta a resposta? Sempre tive o Erico em ótima conta. Sempre o admirei pelo seu talento, pelo seu caráter e pela maneira nada comum com que se tem feito à custa do próprio trabalho.

---

<sup>13</sup> A Editora Ariel foi fundada em 1930 pelos críticos Gastão Cruls e Agripino Grieco e, ao contrário de outros empreendimentos, não possuía uma loja para venda de livros, distinguindo-se pela publicação do *Boletim de Ariel*, que se tornou uma das principais publicações do período. Sobre a Ariel ver: Hallewell, [1985] 2005, p.423 – 432.

<sup>14</sup> *Sem rumo* é o primeiro título da *Trilogia do gaúcho a pé* escrita por Cyro Martins. Lançado em 1937 pela Editora Ariel, o romance teve sua publicação negada pela Globo e, provavelmente, contou com a intermediação de Augusto Meyer para ser editado no Rio de Janeiro (Cf. Correspondência Cyro Martins – Augusto Meyer. Quaraí - RS, 29. ago.1936).

Ainda em abril deste ano, quando estive em Porto Alegre, falando com ele a respeito do meu primeiro livro, ouvi dele mais ou menos isto: “manda, porque eu estou aí, dou a minha opinião, eles aceitam”.

Pode ser que as suas palavras não tenham sido exatamente estas, mas estou seguro de que a essência do seu pensamento era esta. E depois que li em tua carta o interesse com que ele te pediu o livro, mais me convenci de que estava tudo nos eixos. E mais. Depois que tive a tua opinião – a mais autorizada hoje no Rio Grande! – nem um só instante pensei na hipótese de ser mal sucedido com o Globo. Mas, de certo, os críticos da casa tem olhos agudos e sutis, enxergam coisas que os outros não vêem. falhas, defeitos, resvaladas graves que escaparam à visão do meu amigo. De certo aquilo não presta mesmo.

E principalmente não deve prestar para fins de venda. Mas, neste caso, outra deveria ter sido a atitude da Livraria. Porquê não me declarar friamente isto? Então, eu, que faço questão de editar o meu trabalho, perguntaria por quanto a editora me daria o livro pronto [rasura]. E se não fosse muito, se as minhas poucas possibilidades financeiras dessem para semelhante aventura, eu pagaria a edição, e o livro iria para a rua, conforme é meu desejo.

Mas, devolver assim, sem mais nem menos, é indignante. É procurar matar todo o estímulo, toda a vontade de fazer alguma coisa, todo o impulso creador.

Será possível estabelecer um critério qualificativo para julgar superior a emoção sugeridora de estesia de um indivíduo que, na cidade, se comove diante de um arranha-céu, e inferior a de um outro que, na campanha, se comove diante de uma vaca? Se desse instante emotivo. Surgiu um élan feliz, digno de fixação no verso ou na prosa, podemos, quando muito, estabelecer preferências, mas nunca taxar um de moderno e atual, e primitivo e grosseiro o outro.

Desculpe esta estética barata, poeta velho.

Acima de tudo, o que o Erico deveria ter feito era te entregar de volta o caderno, pois tu foste o que lhe entregou o mesmo. Mas, tu estavas perto, e poderias gritar... Mais longe estava eu, que em nada, a seu juízo, poderia auxiliá-lo ou lhe ser útil nalguma coisinha. E depois, uma amizade provinciana... o que significa isso para um nome nacional? Para um nome que amanhã já será continental, e depois mundial, e depois... cósmico!

Bem diz o mestre Alcides – nós, os regionalistas, não temos nem editores...

Porque o velho está emprestando a sua garupa imortal a um typo como esse Dante de Laytano?

Poeta velho, um bruto abraço do amigo Cyro”<sup>15</sup>.

É possível, aqui, nuançar a relação de Cyro não apenas com Erico Verissimo, mas também com a Globo, evidenciando um dos pontos mais

---

<sup>15</sup> Correspondência Cyro Martins – Augusto Meyer. Quaraí - RS, 21. out.1936. Disponível no acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa. Grafia e grifos originais, interpolações minhas.

delicados de sua linha editorial: os temas e os autores regionais. A Livraria do Globo foi fundada em 1883. Localizada na Rua da Praia, centro de Porto Alegre, a empresa acompanhou o processo de modernização da cidade, de modo a se ampliar à medida que faculdades e escolas de ensino superior eram criadas, bem como padrões de consumo ligados a bens culturais se consolidavam (Cf. Monteiro, 2004), oferecendo os parâmetros para a aposta na atividade livreira e editorial, num processo que levou mais de uma década para se consolidar:

a Editora do Globo nasceu por volta de 1930 como uma Secção dentro da Barcellos, Bertaso & Cia. O acervo que compõe seu fundo editorial foi selecionado, traduzido, composto, impresso e colocado em circulação especialmente entre 1930 e 1948. É neste ano que a Secção Editora ganha maior autonomia, tornando-se a Editora do Globo, filial da Livraria Globo S.A. Em 1956, a Editora torna-se sociedade anônima associada à Livraria do Globo S.A (Cf. Relatório da diretoria apud Amorim, 1999).

Entre 1918 e 1930, a atividade editorial da Livraria do Globo permaneceu sob a direção de Mansueto Bernardi que fortaleceu o contato com intelectuais de Porto Alegre ou recém chegados à cidade, assim, mesmo tímida, a atividade editorial orientou-se para retirar do ineditismo justamente esses autores, num processo capaz de unificar dois projetos: a atividade editorial e o espaço da Livraria do Globo como lugar de sociabilidade dos intelectuais sulinos de então. Autores estreados e de nome já feito em Porto Alegre entregam seus originais à Livraria do Globo em cujo salão transitavam, também, importantes atores políticos (Cf. Coradini, 2003)<sup>16</sup>.

Catálogos de editoras podem ser observados, tal qual argumenta Gustavo Sorá (2010, p.180), como um campo de tensões e disputas no interior do qual diferentes gêneros se estabelecem uns em oposição aos outros. Ao mesmo tempo, “a marca de uma editora como empresa cultural é muito mais que um nome. É afirmar um lugar em um espaço de relações e marcar

---

<sup>16</sup> É deste período a edição dos seguintes títulos: *Troupilha crioula* de Vargas Neto, *Poemas do sonho e da desesperança* de Athos Damasceno, *Minha terra* de Ruy Cirne Lima, *Coração verde* de Augusto Meyer, *Canção preludiada* de Theodemiro Tostes, *Mansamente* de Paulo Gouvêa. Mansueto Bernardi é quem responde pelas edições e “em seu gabinete, no primeiro andar, transitam desde iniciantes (pré-autores e autores inéditos) até intelectuais conhecidos e também políticos de renome, como Osvaldo Aranha e Getúlio Vargas” (Amorim, 1999, p.30). Bernardi permanece na Globo até 1931, ano que em assume a chefia da Casa da Moeda no governo provisório de Getúlio Vargas. A função de editor passa, então, a ser exercida por Henrique Bertaso, filho de José Bertaso. Sobre a *Revista do Globo*, consultar: Thorsrenberg, 1998; Ioris, 2003; Moreira, 2005; Teixeira, 2005..

diferenças e distâncias comparativamente a outras marcas” (Sorá, 1997, p.151). Historicamente, a Globo apresentou dificuldades para ampliar e diversificar seu catálogo de literatura, especialmente no que se refere à literatura brasileira. Laurence Hallewell observa que a empresa não tinha o mesmo elevado conceito [das traduções] junto à intelligentsia brasileira. Esta lamentava – com algum fundamento, mas com pouca justiça – que em uma década de intensa realização literária não tivesse publicado mais do que dois novos autores nacionais importantes: Vianna Moog e o próprio Erico Veríssimo (Hallewell, 2005, p.411).

Sensível à questão, Mauricio Roseblatt<sup>17</sup> é indicado para a representação da editora no Rio de Janeiro. Além de relações públicas da editora, a missão de Roseblatt era recrutar autores importantes da literatura brasileira para o catálogo da Globo. Entre os trunfos por ele conquistados estão o contato com Paulo Ronái para ser o responsável por dois grandes projetos editoriais: a tradução de *Comédie humaine* de Honoré de Balzac e de *À la recherche du temps perdu* de Marcel Proust. Roseblatt também firma contrato com Cecília Meirelles para ser a tradutora de *Orlando* de Virgínia Woolf.

No entanto, Roseblatt e sua editora tiveram pouco sucesso na obtenção de originais de escritores brasileiros. A Editora Globo atraiu autores destacados como Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, por exemplo, apenas para os projetos de tradução. Como observa Erico Veríssimo em dois balanços *a posteriori*, era difícil a concorrência no mercado de literatura brasileira:

Maurício Roseblatt foi um dia mandado para o Rio de Janeiro com uma finalidade, entre outras muitas – a de melhorar a imagem da Editora Globo perante os escritores nacionais, que nos acusavam de descurar da literatura indígena, voltando-nos exclusivamente para a estrangeira. Com suas excepcionais

---

<sup>17</sup> Maurício Roseblatt era amigo de Erico Veríssimo desde os tempos de Cruz Alta. Entrou para a Globo em 1941, indicado por Erico para assumir as funções que ele deixaria de exercer presencialmente em razão da viagem aos Estados Unidos. Em reportagem da *Revista do Globo*, a chegada de Roseblatt é assim descrita: “[...] Quando Erico Veríssimo partiu para os Estados Unidos, sendo amigo de Maurício (veja a dedicatória do romance ‘Olhai os lírios do campo’), convidou-o para ocupar o posto de secretário da Editora. Maurício não hesitou, embora com prejuízos financeiros apreciáveis [...] Desde então, ele vem tomando parte na organização dos programas anuais de edições da Globo. Além disso, é quem distribue o trabalho para os tradutores, é o “homem – mau” que lhes visa (ou nega) os vales de pagamento e que se corresponde com os maiores editores e escritores do mundo a respeito de direitos autorais [...] De todas as suas atividades, porém, a mais importante é a de fazer examinar os originais que diariamente estão chegando à Globo, de todos os pontos do Brasil, candidatos à publicação. (VIAGEM ao redor da ‘Globo’, 1943).

qualidades humanas, Maurício fez amigos entre intelectuais e gente de imprensa, realizando um belo trabalho (foi ele quem trouxe para a Globo o Mar absoluto da grande Cecília Meirelles). Mas convenceu-se – realista que é – de que os melhores escritores do país encontravam facilmente editores no Rio e em São Paulo. O que sobrava para a nossa editora – com algumas exceções, é claro – era uma espécie de ‘segundo time’. (Verissimo, 1973, p.69. grifo meu).

Espécie de “segundo time” que encontra suporte numa editora que, ao fim e ao cabo, permanece associada à província. Entre as décadas de 1920 e 1940, Porto Alegre modernizou-se de modo a reformar suas funções representativas na política e na cultura. Assim, nos primeiros quinze anos século XX, Porto Alegre era um canteiro de obras destinadas a edificar uma fisionomia moderna e grandiosa para a cidade<sup>18</sup>. De modo geral, o planejamento e a construção da nova capital refletiram os valores culturais e a socialização das camadas em ascensão, particularmente das camadas médias urbanas como atestam a criação da Escola de Engenharia e da Faculdade de Direito, prédios no interior dos quais começam a ser marcar novos padrões educacionais e profissionais, de modo a circunscrever Porto Alegre como o ponto de convergência de diversas necessidades novas criadas pelas camadas ascendentes. A cidade traz consigo novos padrões de consumo, novos estilos de sociabilidade e de relação com elementos culturais como o teatro, o cinema, a música e a literatura.

#### 4. Um escritor com escritos

Em tempo, Cyro Martins será socializado no interior dessa nova, embora precária, modernidade sulina. Geograficamente, as origens do autor estão no campo, mas o chão histórico sobre o qual se move é marcado pela transição entre o rural e o urbano, espécie de zona “fronteiriça em que muitos de nós

---

<sup>18</sup> Em 1916, foi iniciada a construção de um marco arquitetônico de Porto Alegre, quase às margens do Guariba. O edifício do Hotel Majestic, projetado pelo arquiteto alemão Theodor Wiederspahn, foi a primeira construção de Porto Alegre que utilizou concreto armado. Datam do mesmo período ainda os prédios do Banco da Província, do Banco Alemão, do Palácio Piratini e dos Correios e Telégrafos (Cf. Sandri, 2007). A monumentalidade de cada um dos edifícios públicos erguidos na época expressa, com alguma clareza, as diversas historicidades que compõem o imaginário daqueles que os projetaram, daqueles que os encomendaram e, por fim, de todos aqueles que circulam nessa área circunscrita da cidade. Ainda que a intenção modernizadora marcasse o tom das construções, em alguma medida o conjunto delas realça o poder e a presença do Estado. Não seria exagero afirmar que as práticas modernas em muitos casos reforçaram a herança tradicional (Cf. Schorske, 2000).

vivemos: entre a tradição e a instrução, entre o trabalho e as ideias, entre o apego ao torrão natal e a vivência das mudanças” (Williams, 1989, p.269).

Assim, não apenas para Cyro, mas para o Rio Grande do Sul em geral, o universo rural permanecia, ainda, como uma realidade de efeitos abrangentes: seus valores, símbolos e práticas permaneciam visíveis, em parte como herança, em parte com antítese<sup>19</sup> Cyro Martins fixa na carta enviada a Augusto Mayer em outubro de 1936, aspectos desse meio de caminho entre o campo e a cidade que marca a modernização de Porto Alegre e de seus aparelhos culturais:

“Sei bem que, para o Globo, o meu livro tem um fraco insanável – é regionalista. Esta palavra soa como uma heresia aos ouvidos supercivilizados, quintessenciados de requinte artístico dos nossos críticos tão soberbamente universalizados na cultura das letras e tão precavidamente resguardados dos grosseiros contatos das coisas e homens e assuntos da sua terra.

Afinal, os regionalistas, sulriograndenses são tão poucos, tão escassos na produção, tão desprovidos de ambição de glória literaria, que nem paga a pena essa gente fina gastar um quinhão de energia para repelir-os.

Faço bem idéia da maneira com que eles hão te olhar – um homem culto, um crítico e tanto, um poeta macamudo, preocupando-se com livros de rapazes provincianos, desejosos (no pensamento deles) de conquistar direitos de cidade no “grande” cenário intelectual da capital!

Até aqui, houve, em torno dos últimos regionalistas, a conspirata do silêncio. Agora, porém, em vista da insistência deles, deram mais um passo – o esmagamento.

Mas, poeta Meyer, sob o ângulo estético, será possível ao crítico graduar a emoção creadora, através a obra de arte, entre dois indivíduos que se interessam por assuntos diametralmente opostos?”<sup>20</sup>.

Mesmo tendo publicado sua *Trilogia do gaúcho a pé* por importantes editoras, o autor afirmou-se timidamente entre os intelectuais sulinos<sup>21</sup>. No que

---

<sup>19</sup> Em linhas gerais, pode-se considerar que, no caso gaúcho, o urbano conformará um dos eixos temáticos fundamentais para a produção literária, sendo o palco privilegiado para a resolução dos impasses entre o regional e o nacional. Para uma análise das interações entre figurações sociais distintas, ver: Elias, 2001. Sobre o regionalismo gaúcho, ver: Leite, 1978.

<sup>20</sup> Correspondência Cyro Martins – Augusto Meyer. Quaraí - RS, 21. out.1936. Disponível no acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa. Grafia e grifos originais, interpolações minhas.

<sup>21</sup> De todo modo, importa observar a trajetória editorial pouco comum da *Trilogia do gaúcho a pé*, *Sem rumo* editado pela Ariel em 1936; *Porteira fechada* aparece em 1942 em edição da Globo e *Estrada nova* lançada em 1954 pela Editora Brasiliense. As observações sobre a recepção da *Trilogia do gaúcho a pé* são preliminares e correspondem à pesquisa realizada nas páginas da revista *Província de São Pedro* e no jornal *Correio do Povo*. A fortuna crítica sobre o escritor não

se refere especificamente a sua produção literária, seus romances foram tomados mais como documentos importantes para a denúncia da degradação dos meios de vida dos gaúchos do interior e seu autor como um memorialista da vida nas antigas estâncias.

Nesses termos, Cyro Martins foi recebido como narrador de um mundo que deixava de existir, de modo que sua narrativa, particularmente a *Trilogia do gaúcho a pé*, permaneceu associada aos padrões literários fixados pelos regionalistas anteriores como Simões Lopes Neto e o próprio Alcides Maya. Nota-se, então, que autor e obra circularam de maneira restrita regional e nacionalmente, num processo no qual as dificuldades de profissionalização do autor e o descompasso entre o universo figurado literariamente e as transformações que o Rio Grande do Sul experimentava convergem para que a narrativa sobre o gaúcho a pé seja vista como uma reminiscência do tempo e não um dilema do presente.

Ainda que a modernização do campo seja o eixo da narrativa, sua figuração literária, baseada no ponto de vista daqueles que permanecem à margem do processo, aparece de maneira circunscrita, pois referida aos dilemas de um universo rural que, no limite, não encontra inteligibilidade fora de si mesmo. Num período marcado por uma experiência de modernização heterogênea e desigual, o moderno é entendido ora como uma conquista, ora como uma ameaça. Optando pela segunda alternativa, autor e obra encontram dificuldades para dialogar com a totalidade do processo de modernização experimentado pela região, figurando um tema presente com um estilo associado ao passado, conduzindo a narrativa para uma encruzilhada (Cf. Leite, 1997).

“Pracista e campeiro” (Martins, [1944] 1981, p.20), o regionalismo de Cyro tal qual definido por ele se empenha em circunscrever tematicamente a lenta expropriação a qual o gaúcho é submetido, perdendo terras, animais e, especialmente, um estilo de vida e uma forma de socialização. Em termos temáticos, o diálogo entre o campo e a cidade é construído justamente pelo trânsito deste gaúcho que expropriado no campo, vive à margem da cidade.

---

é muito extensa, entre os estudos destaca-se o de Bernd, 1977; Ketzer, 1991, 2008; Hohlfeldt, 1988; Lara, 1985; Silveira, 2004.

Estilisticamente, contudo, a transição não se concretiza e, ao fim e ao cabo, faz de seu autor um escritor que estabelece a maior caminho entre o campo e a cidade, entre a literatura e a prática médica, num processo no qual causa e efeito se combinam, produzindo, a um só tempo, uma obra dedicada a promover uma atualização temática do regionalismo sulino e um autor cuja trajetória percorre os mesmos caminhos erráticos desta transição.

## 5. Bibliografia

AMORIM, Sônia Maria. *Em busca de um tempo perdido. Edição de literatura traduzida pela Editora Globo (1930-1950)*. São Paulo; Porto Alegre: EDUSP; ComArte; Ed. da UFRGS, 1999.

BASTOS, Elide Rugai; BOTELHO, André. Para uma sociologia dos intelectuais. Dados, Rio de Janeiro, v. 53, n. 4, 2010. Disponível: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S00115258201000040004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S00115258201000040004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em. 17. set. 2010.

BERND, Zilé. *O gaúcho a pé* (estudo do romance social de Cyro Martins). Dissertação (mestrado em Letras). UFRGS, 1977.

BOURDIEU, Pierre. "L'illusion biographique". In: *Actes de la recherche en sciences sociales*, vol. 62-63, juñ., p.69-72, 1968.

\_\_\_\_\_. *O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu publico*. São Paulo: Edusp, 2003.

BUENO, Luis. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Edusp; Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2006.

CARVALHAL, Tânia. *Augusto Meyer*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro. (Coleção Letras Rio-Grandenses, v. 8), 1987.

CORADINI, Odaci Luiz. "As missões da cultura e da política: confrontos e reconversões de elites culturais no Rio Grande do Sul (1920-1960)". *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 32, 2003, p.125-144. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2199/1338>. Acesso em: 25/03/2010.

ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?*. Lisboa: Veja, 2006.

GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nadia Battella. *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil. Sua história*. São Paulo: Edusp; Imprensa Oficial, 2005.

HOHLFELDT, Antônio. "O lado das sombras: literatura e sociedade em Cyro Martins". *Letras de Hoje*, Porto Alegre, n.73, 1988, p. 27-35.

INSTITUTO Estadual do Livro. *Cyro Martins*. Porto Alegre: IEL. Coleção Autores Gaúchos/IEL, n.1, 1983.

KETZER, Solange Medina. *A narrativa de Cyro Martins: uma história em trilogia*. Dissertação (mestrado em Letras), PUCRS/ Instituto de Letras e Artes, Porto Alegre, 1991.

\_\_\_\_\_. *Múltiplas leituras: ensaios sobre Cyro Martins*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

LARA, Elizabeth Rizzato. *O gaúcho a pé: um processo de desmistificação*. Porto Alegre: Movimento, 1985.

LEITE, Lígia Chiappini. *Regionalismo e modernismo: o caso gaúcho*. São Paulo: Editora Ática, 1978.

\_\_\_\_\_. "Cruzamento de leituras: José Lins do Rego e Cyro Martins sob o olhar da crítica literária" In: *Gêneros de Fronteira: cruzamento entre o histórico e o literário*. São Paulo: Xamã, 1997.

MARTINS, Cyro. "Notas sobre Alcides Maya". *Província de São Pedro*, v. 1, n. 2, p. 59-62, set. 1945

\_\_\_\_\_. "Visão crítica do regionalismo" In: *Sem rumo*. 3ª ed. Porto Alegre: Editora Movimento, 1981 [1944].

\_\_\_\_\_. *Páginas soltas*. Porto Alegre: Editora Movimento. 1994.

\_\_\_\_\_. "Meio chegado, meio distante do amigo Erico". *Nova Renascença: homenagem a Erico Verissimo*. Revista trimestral de cultura da Associação Cultural "Nova Renascença". Porto [Portugal], p.269-272, abr.-jul, 1995 [1976].

MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

MONTEIRO, Charles. "Porto Alegre no século XX: crescimento urbano e mudanças sociais". In: DORNELLES, Beatriz. *Porto Alegre em destaque: história e cultura*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

POCOCK, J. G. A. *Linguagens do ideário político*. São Paulo: Edusp, 2003.

- PONTES, Heloísa. *Intérpretes da metrópole: história social e relações de gênero no teatro e no campo intelectual, 1940-1968*. São Paulo: Edusp: Fapesp, 2011.
- SANDRI, Sinara B. *Um fotógrafo na mira do tempo: Porto Alegre, por Virgílio Calegari*. Dissertação de Mestrado em História Social, Porto Alegre: UFRGS, 2007.
- SCHORSKE, Carl E. *Viena fin-de-siècle*. São Paulo: Cia. das Letras; Editora da Unicamp, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Pensando com a história*. Indagações na passagem para o modernismo. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.
- SILVEIRA, Núbia; DE GRANDI, Celito. *Cyro Martins. 100 anos: o homem e seus paradoxos*. Cachoeira do Sul – RS: Defesa Civil do Patrimônio Histórico, 2008.
- SILVEIRA, Verli Fátima P. da. *Imaginário sobre o gaúcho no discurso literário: da representação do mito em Contos gauchescos, de João Simões Lopes Neto, à desmistificação em Porteira fechada, de Cyro Martins*. Tese (doutorado em Letras) UFRGS/IFCH, 2004.
- SKINNER, Q. “Significado y comprensión en la historia de la ideas”. *Prismas*, ano II, n. 4, 2000.
- SORÁ, Gustavo. “Tempo e distâncias na produção editorial de literatura”. *Mana* [online]. 1997, vol.3, n.2 [citado 2011-07-02], 1997, p. 151-181. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S01049313199700020005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01049313199700020005&lng=pt&nrm=iso)>.
- \_\_\_\_\_. *Brasilianas: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro*. São Paulo: Edusp: Com – arte, 2010.
- VERISSIMO, Erico. *Um certo Henrique Bertaso*. Porto Alegre: Editora do Globo, 1973.
- ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.
- WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.